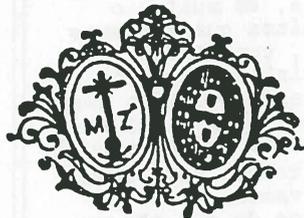


BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL

II

AMAR O PRÓXIMO

Talvez que em certas circunstâncias da Vida o orgulho possa afigurar-se como a linguagem das grandes forças criadoras, que permitem ao homem a dominação do mundo. Sim, talvez!

Nessa confusa miragem reside o que o torna correntemente apetecido porque nos deixa acreditar que somos, de alguma sorte, o centro do Universo, o ponto de convergência das linhas que defendem a verdade...

Se todos os pecados têm uma aura própria, de certo o orgulho não foge, também, a esse enquadramento específico: -dá-nos a vertigem da autonomia, faz-nos saborear a doce embriaguez de que nos sentimos completamente, exclusivamente, como reis absolutos coroados -ao menos por um instante! Mas, nessa enganadora sedução, reside, afinal, a mentira, a falsidade, que lhe servem de falso apoio.

Se cada um de nós tem a sua vida para viver, a sua experiência pessoal a acautelar e não pode efectivamente rejeitar a responsabilidade de ser ele-mesmo, ninguém, todavia, é um ser fechado a quem baste o seu próprio mundo. "Nenhum homem é uma ilha", proclamou certa vez um pensador de grande nomeada. No fundo, todos somos uns dos outros e dependemos de Deus que nos criou e nos remiu. Há, porventura, mil imperceptíveis e subtis laços que nos prendem aos outros homens, ininterruptamente. Damos e recebemos -dentro de um vasto sistema de vasos comunicantes. "Na roupa que me cobre, no pão de que me alimento, nas palavras em que me expri- mo, nas próprias ideias ou sentimentos em que traduzo a minha alma, quem poderá contar o número de vivos que me ajudam a ser aquilo que sou?" -pergunta o filósofo.

"Dos vivos"e, também, dos mortos -deverá acrescentar-se, porque é um facto que somos, em muito, o que nos vem dos nossos mortos, das raízes que lançamos sobre os seus túmulos... Na vida real, com efeito, figuramos o papel de "seres processionais"; cada um de nós representa uma unidade concreta nessa multidão imensa que, em largo cortejo, vai avançando para o Futuro. Todos formamos uma vasta e única família -sobre a qual está a figura tutelar de Deus, o Pai comum, para quem existimos, de onde viemos, para onde vamos!

Também a Ele nos prendem laços de que não podemos desfazer-nos, laços de absoluta dependência e que nos comprometem desde o mais íntimo da nossa natureza.

O orgulho isola o homem: -eis uma verificação que se nos antolha a cada passo. Deixa-o sozinho com o falso brilho das lantejoulas, cego para tudo o que não seja a sua imagem. A humildade, ao contrário, afirma-nos solidários. Permite-nos fazer a "descoberta do outro", do Próximo, do nosso semelhante. E, por isso, ela é, praticamente, sinónimo de Amor, tal como o orgulho é, no fundo, a imagem do Ódio.

Curiosamente, os humildes estão quase sempre, por natureza, prontos ao diálogo e ao entendimento. Não por fraqueza ou subserviência, mas unicamente porque respeitam as suas limitações e sabem, com exactidão, onde principia o domínio alheio. São os obreiros da paz, que o próprio Jesus apelidou de "bem-aventurados", ao passo que os orgulhosos, procurando a sua glória à custa do que devem aos outros, se convertem em paladinos da injustiça -que gera, em cadeia, o ressentimento e a luta.

São legítimas, no fundo as ambições dos que desejam estruturas mais conformes à nossa natureza e dignos de louvor os que trabalham rectamente por elas. Mas... nada disso se assumirá como autêntica expressão de caridade e só pode servir para cavar suspeitas, ainda mais fundas, entre nós se não se orientar como um acto efectivo (e afectivo!) de amizade em relação a todo o outro Homem, seja qual ele for!

(Continua na pág. seguinte)

OBRAS DE CARIDADE

As obras de Caridade são pela Igreja honradas de modo especial.

Para que este exercício de Caridade seja e apareça acima de toda a suspeita, atenda-se com grande delicadeza à liberdade e dignidade da pessoa que recebe o auxílio.

Que se não deixe manchar a pureza de intenção com qualquer busca de interesse próprio ou desejo de domínio!

É importante e fundamental que se satisfaçam, antes de mais, as exigências da Justiça e que nunca se ofereça como dom de caridade aquilo que já é devido a título de justiça!

(Do Concílio Vaticano II)

Era uma vez...

Era uma vez uma Avó
mais a sua netinha.
Enquanto a netinha
era pequenina
estava sempre a dormir.
E a Avó cozia o pão
e limpava a cabana.
A Avó lavava
cosia
fiava
e tecia
-e tudo para a menina
que dormia, dormia...

Alguns anos depois
a Avó envelheceu,
e já não podia trabalhar.
Então, deitava-se
ao lado do fogão
e dormia muito.

E a netinha cozia o pão
e lavava
cosia
fiava
e tecia
para a avozinha
que dormia, dormia...

● Leão Tolstói (1828-1910)

Tradução de Alice Vieira

INVASÕES FRANCESAS

III

Como já se deixou referido anteriormente, embora de forma sucinta e abreviada a passagem e estadia dos franceses em Sardoal, durante a 1ª Invasão, assinalou-se por desacatos e actos de banditismo que deixaram marca indelével através dos tempos. Com efeito, ainda hoje, perto de 170 anos decorridos, aquela horda avassaladora que por aqui se abateu, qual nova praga do Apocalipse, é recordada, através da tradição oral, por quadros evocativos das suas brutalidades e selvajarias, que a penumbra dos tempos ainda não fez esquecer completamente.

De pais para filhos, através das gerações, vão passando relatos e pormenores que, embora fragmentados ou delídos pela erosão dos tempos, se agrupam como peças de um "puzzle", encadeados por um fio condutor de plausível verosimilhança. Porém, uma reconstrução ainda mais completa e segura pode fazer-se através de vários documentos dispersos por arquivos oficiais, desde o da Câmara Municipal (que está finalmente, agora, a ser posto em ordem), até aos da Correição Judicial de Tomar, a que o Sardoal pertenceu, durante várias centenas de anos e o da Cúria diocesana -havendo, igualmente, um acervo de capital importância esparsos por entre as dezenas de milhar de espécies, ainda mal catalogadas, do "Corpo Cronológico" e do "Ministério do Reino", na Torre do Tombo. Paralelamente, existe um grande número de obras, quer de carácter histórico como, ainda, simplesmente historiográfico, publicadas sobre as Invasões, onde se podem encontrar, também, referências sobre a zona do Sardoal -embora, aí, mais com um carácter de generalidade.

Nas simples e despretensiosas notas deste "Boletim" a falta de espaço vem limitando as evocações sobre épocas passadas aos temas e assuntos que, de algum modo, tenham a ver com a Misericórdia de Sardoal -seja por relacionamento directo, como por simples implicações laterais. Daí que nem sempre se torne exequível fazer explicações muito completas e desenvolvidas.

Ao encerrar, agora, estes pequenos apontamentos sobre as Invasões deixar-se-ão as últimas achegas sobre a história da nossa terra durante aquele período de duro e penoso calvário.

Como já foi dito, também, as tropas invasoras chegaram aqui ao anoitecer do dia 23 Novembro de 1807, sob um temporal desfeito. Sem mais delongas, começaram por invadir casas, roubar todos os víveres disponíveis, assenhorear-se de roupas e calçado, tendo obrigado os homens que encontraram a ceder-lhes todos os sapatos e botas. A falta de lenha, que estava molhada pelas chuvas, partiram e arrancaram portas e janelas para fazerem fogueiras com que se pudessem secar e aquecer.

Primeiramente viera um corpo de tropas, em missão prospectora, o qual constituía a vanguarda do exército. Logo ao alvorecer do dia seguinte chegava o grosso das colunas, entre as quais se encontrava Junot e o seu quartel-general. A cavalaria e parte da artilharia ligeira, com as suas guarnições, tomaram depois o caminho de Abrantes, onde os primeiros soldados chegaram cerca das 3 da tarde de 24. Mas, apenas depois disso, aquele cabo de guerra e os seus oficiais, já devidamente explorado o terreno, tomaram a iniciativa de partir.

Vieram, entretanto, chegando mais tropas, que aqui acampavam para se reabastecerem, roubando e pilhando o pouco que já restava. Assim, entre 24 e 28 seguiram para Abrantes 3 divisões de infantaria e somente entre 29 e 2 de Dezembro o restante das forças invasoras, formado pela cavalaria (quase toda apeada, por falta de animais de sela) fechou o cortejo.

No Sardoal, conforme se disse anteriormente, ficou uma guarnição durante bastante tempo, para obviar a levantamentos e revoltas populares. Mas, ia sendo dizimada a pouco e pouco pelos homens válidos da terra, que armavam emboscadas às patrulhas e faziam assaltos nocturnos às sentinelas, em "raids" que prefiguravam, já, em larga antecipação das táticas de guerra, os modernos ataques dos "comandos" -sempre rápidos e devastadores.

(Continua na página 4)

O PRÓXIMO

(Continuação da página 2)

É mister jamais deixar de ter em vista esta verdade eterna, profunda, intocável: cada Homem é único! Irredutível, por isso, a classificações, tipologias e enquadramentos esquemáticos. Mais, ainda: -tem um significado que não se esgota nunca, pois que foi criado por Deus, remido pelo sangue de Cristo, vocacionado à santidade.

No fundo, as diferenças que nos separam, ou melhor, que nos distinguem, são meramente acidentais. É bem pouco o que nos separa; é muitíssimo e precioso o que nos aproxima. Somos homens. Somos filhos de Deus. Todos cabe-mos em redor da mesma lareira, reunidos como Irmãos, sob o olhar e a bênção de um Pai comum.

Este é, afinal, o sentido do primeiro e principal dos Mandamentos: - "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao Próximo como a nós-mesmos"!

D. ANTONIO DOS REIS RODRIGUES

† Bispo Titular de Madarsuma



NA MÃO DE DEUS

Durante o segundo semestre de 1984 foi Deus servido chamar à Sua presença os seguintes Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal

Francisco Lopes Simples
João Mendonça
José Marçal.

Durante os largos anos em que estiveram vinculados à Misericórdia serviram-na sempre com toda a lealdade e dedicação.

Para aqueles nossos Irmãos, nossos conterrâneos, que dormem agora o sono da paz, pedimos as orações de todos os nossos leitores.

Entretanto, e como é seu piedoso costume, a Misericórdia mandará celebrar missa de sufrágio pelos falecidos.

MEDITAÇÃO

"No que respeita à Caridade, nunca se pode pecar por excesso".

FRANCIS BACON 1561 1626
Filósofo e escritor inglês

INVASÕES FRANCESAS

III

(Continuação da página 3)

Curiosamente, os franceses parece nunca terem tido oportunidade de darem sepultura aos seus camaradas abatidos, por não os conseguirem localizar. Desapareciam sem que deles ficasse qualquer rasto. Uns tantos, pelo menos, aguardaram nos fundos e pegos da Ribeira do Cadavai que as enxurradas desse Outono (que, aliás, fora bastante pluvioso) os levassem rumo ao mar largo. Alguns, que somente haviam sido feridos, tiveram melhor sorte: foram feitos prisioneiros e tratados devidamente, por uma questão de humanidade, mas de seguida postos a bom recato, para não virem a criar complicações. Parece que eram levados para as pequenas aldeias do interior, metidas no meio dos pinhais, onde os acessos eram mais difíceis e as rondas, por isso, não passavam revista. Diz-se que a essas populações fora recomendado pelas autoridades que os não deixassem usar qualquer espécie de calçado, para que não pudessem fugir. E trabalhavam nos mistos terrenos agrícolas, mas sempre guardados para evitar tentativas. Mais tarde, quando as tropas francesas debandaram definitivamente, vieram a ser libertados. Mas, alguns acabaram por se integrar na população e (diz-se, também) vieram a constituir família nesta zona. Neste capítulo, porém, não é muito fácil estabelecer uma fronteira entre a realidade e uma tradição já ficcionada, até porque, consultados alguns registos paroquiais da época se não puderam encontrar elementos probatórios.

Retomando o fio interrompido, acrescentar-se-á, ainda, que a soldadesca francesa, logo que chegou a Sardoaal, invadiu o Hospital da Misericórdia, para que os militares doentes pudessem ser assistidos mais convenientemente. De outras terras por onde haviam passado, os franceses sabiam, já, da existência das Misericórdias - e aqui tiveram logo o cuidado de procurar o seu Hospital.

Foram tratados, naturalmente, o melhor que era possível. A caridade (e, sobretudo a das Misericórdias) jamais teve compartimentações estanques e abre-se sempre a todos os necessitados Amigos ou inimigos!

Embora houvesse camas vagas, pois quase todos os doentes haviam sido evacuados, não consta que nenhum soldado francês tivesse ficado internado. Decerto que prefeririam as casas particulares, em que se tinham aboletado. Sempre representava uma medida de mais segurança!

Logo que a população soube que as tropas haviam seguido viagem, veio regressando à terra, mais afoitamente, pois só a guarnição militar não lhes metia tanto medo. E o tempo foi passando, sem outros incidentes de maior, para além dos que ficaram relatados.

Quando, no ano seguinte, pela "Convensão de Sintra" o exército francês foi forçado a abandonar Portugal, as tropas no regresso voltaram a passar por aqui, embora, já de roldão. Aproveitaram para fazer novos saques, de mantimentos e haveres. Foi nessa altura que invadiram a Misericórdia e aí roubaram todo o equipamento de enfermagem, remédios, roupas de cama e de agasalho e outras alfaías. Chegaram, mesmo, a maltratar empregados e doentes, tendo-se chegado a vias de facto com a população do Sardoaal. Com efeito, o povo que se reaguardara nas matas e pinhais, meses antes, já havia regressado e então, todos os homens válidos do Sardoaal correram em perseguição dessa canalha fugitiva - a qual, depois, e na precipitação da fuga, acabou por deixar abandonadas algumas carroças e outros veículos, contendo o produto de roubos efectuados em outras localidades ribeirinhas, que haviam acabado de atravessar na sua correria apresada em direcção à fronteira espanhola, primeira etapa mais tranquilizadora no caminho da França.

M.

*

Sob o beneplácito da "União das Misericórdias Portuguesas" iniciou a sua publicação um novo mensário, "Misericórdias Portuguesas" de seu título, que é dirigido por essa grande alma de apóstolo da Caridade, que é o Dr. Manuel Ferreira da Silva.

Com um moderno e atraente aspecto gráfico e excelente e pormenorizada documentação, o novo órgão da Imprensa será, de certeza, um porta-voz intransigente das realizações e anseios das Misericórdias, como, igualmente, das muitas dificuldades e escolhos que, tanto por parte do Governo que temos tido, como de algumas Entidades oficiais em consonante subserviência, vêm ignobilmente barrando o caminho e levantando as maiores dificuldades à sua acção caritativa e assistencial.

A este novo confrade, que tão promissoramente se anuncia como um forte baluarte na defesa da Verdade e da Justiça, endereçamos os nossos cumprimentos e desejamos as maiores prosperidades em tão santa e meritória cruzada.

O BAIRRO da MISERICORDIA

A urbanização do "Bairro da Misericórdia", que fora incluída no Orçamento da Câmara apresentado à Assembleia Municipal, no último trimestre de 1983, para ser executada a partir de Fevereiro seguinte, não veio a ser feita - como nestas colunas logo se deixou previsto!

A referida obra veio a ser inscrita, de novo, para 1985 - voltando a ser aprovada, como é óbvio.

Mas... será um novo subterfúgio para "arrumação e alinhamento de verbas", pois não se vê qualquer jeito de a Câmara respeitar esse compromisso público.

É verdade que se trata de um ano com eleições autárquicas (com nova recondução prevista), mas decerto que sondagens e cálculos antecipados terão indicado que a centena e meia dos habitantes desse martirizado Bairro pouco adiantarão ao cômputo geral dos eleitores do Concelho...